



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



O processo de ensino/aprendizagem e os limites e possibilidades de inovações no estágio supervisionado

¹Maria Joseane Costa Santos - Graduanda em Geografia da Universidade Federal de Sergipe

e-mail: josheanne@yahoo.com.br

Eixo 11: Educação, Sociedades e Práticas Educativas

Resumo

O presente artigo busca focar a importância da inovação no processo de ensino/aprendizagem a partir do Estágio Supervisionado, analisando as dificuldades de inovar nas aulas de estágio, diante das questões que circundam o ambiente escolar e as adequações do mesmo objetivando atender os interesses da classe dominante e como a geografia contribui para explicar esse novo momento. É nesse sentido, que o ato de inovar constitui-se em limites e possibilidades na prática do estágio supervisionado, perante um ensino tradicional que na maior parte preocupa-se apenas em formar cidadãos aptos a inserção no mercados de trabalho, tornando-os passíveis a alienação promovida por uma escola historicamente ligada a forma injustas de reprodução social. Os procedimentos metodológicos foram referencial teórico/metodológico, as questões empíricas levantadas através da prática do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Dr^o. Augusto César Leite no município de Itabaiana (SE) .

Palavras-Chave: Estagio Supervisionado, Processo de ensino/aprendizagem, Inovação;

Abstract

This article aims to focus on the importance of innovation in the teaching / learning from Supervised by analyzing the difficulties of innovating in the classroom stage, given the issues that surround the school environment and the adaptations meet the same objective class interests dominant and how geography helps explain this new momento.É this sense, the act of innovation consists in the limitations and possibilities of supervised practice before a traditional teaching that mostly concerns itself to form citizens capable insertion into the labor market, making them insusceptible alienation fostered by a school historically linked to for unjust socia reproduction. The methodological procedures were theoretical/ methodological, empirical issues raised by the practice of supervised internship conducted in the State School Dr ^o. César Augusto Leite in the municipality of Itabaiana (SE).

Key Words: Supervised Internship Process, teaching / learning, Innovation;

Introdução

O sistema educacional no Brasil passa por diversas transformações decorrentes de cada momento histórico. Estas ocorrem muitas vezes para assegurar os interesses da classe dominante, a qual comanda e manipula os objetivos educacionais no país. Desse modo, essas mudanças em grande parte não foram para garantir uma educação de qualidade, estas visam principalmente o maior quantitativo de pessoas "alfabetizadas" e aptas a exercer determinados processos de trabalho em detrimento da qualidade.

Essas mudanças, dessa forma repercutem o objetivo central de apresentar um bom desempenho diante dos organismos internacionais, a exemplo o Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, cujos exigem determinadas políticas de ajustamento do Estado nacional para liberalização de fundos e empréstimos. Nesse sentido há uma enorme precarização do sistema educacional brasileiro prevalecendo ações de cunho político-social ligadas à interesses de reprodução socialmente injustas.

A partir disso, inovar as aulas torna-se um desafio diante dos limites e possibilidades apresentados no universo escolar para os professores regentes e para os estagiários, pois o próprio sistema educacional da forma como foi moldado apresenta-se desafiador e muitas vezes onipotente.

A trajetória do sistema educacional brasileiro se deu a partir do final do Império e começo da República, inicia-se uma política educacional estatal recorrente do fortalecimento do Estado. Até então, a política educacional era feita quase que exclusivamente no âmbito da sociedade civil, pela Igreja Católica. Durante o período colonial a educação assegurava o domínio dos portugueses sobre os índios e os negros escravos. No Império começa a surgir uma sociedade classista, e a educação, além de reproduzir a ideologia dominante, passava a reproduzir também a estrutura de classes. A partir da Primeira República, ela passa a ser valorizada como instrumento de reprodução das relações de produção.

Na década de 20, a educação exercia função de ascensão social e não assumia seu real papel de educadora. Nos níveis médio e primário, a oferta era pouca, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado.

A partir do desenvolvimento de uma sociedade urbano-industrial, as estruturas de poder, atrelados a industrialização resultou em mudanças na educação. Foi criado o Ministério da Educação e Saúde, em 1930; implantou-se a universidade pela fusão de várias instituições isoladas de ensino superior; e surgiu o sistema nacional de ensino, até então inexistente.

O projeto de industrialização que se efetivou no país na "Era Vargas" teve amplas repercussões no plano do processo educativo do país. Para GILES (1987, p. 221):

“Foi a industrialização que obrigou o próprio Estado a assumir a responsabilidade de erradicar o analfabetismo, pois as tarefas demandavam ao menos um mínimo de qualificação para o maior número possível de trabalhadores. O próprio mercado de trabalho assim o exigia. O crescimento na demanda social faz pressão sobre o processo educativo existente e, no Brasil, é a Revolução de 1930 que determina a formulação dessa nova demanda e modifica o papel do próprio estado nesse processo. A Revolução de 1930 cria condições para a modificação dessa situação e abre a possibilidade de se expandir o ensino, para nele incluir uma parcela maior da população, especificamente nas regiões mais industrializadas.”

Foi nesse molde que o Brasil iniciou sua política educacional que vem processando-se até este século. Com a Constituição de 1934 estabeleceu a necessidade de elaboração de um Plano Nacional de Educação que coordenasse e supervisionasse as atividades de ensino em todos os níveis, regulamentando as formas de financiamento do ensino oficial em cotas fixas para a Federação.

A Constituição de 1946 fixou a necessidade de novas leis educacionais que substituíssem as anteriores,

consideradas ultrapassadas para o novo momento econômico e político que o país passava a viver. O final da Segunda Guerra também imprime ao país novas necessidades que a educação não podia ignorar. Era um período de transitoriedade em que havia intensa manifestação à respeito dos rumos do sistema educacional.

Após muitos debates, foi aprovada em 1961, a Lei n.º 4.024, que estabelecia as diretrizes e as bases da educação nacional. Nesta ficou estabelecido que tanto o setor público como o setor privado tem o direito de ministrar o ensino em todos os níveis.

A partir da construção ideológica de uma sociedade globalizada do conhecimento técnico científico informacional, ou sociedade tecnológica, molda-se os novos paradigmas e as políticas educacionais para atender a demanda da produção e do mercado, coadunando com os interesses dos países centrais. De acordo com FRIGOTTO (1998:44-5): 'Trata-se de uma educação e formação que desenvolvam habilidades básicas no plano do conhecimento, das atitudes e dos valores, produzindo competências para gestão da qualidade, para a produtividade e competitividade e, conseqüentemente, para a "empregabilidade".

As transformações na sociedade modificaram ideias e quebraram antigos paradigmas. Estas ocorreram desde o plano político-econômico ao social. Os avanços tecnológicos permitiram intensificar o fluxo de informações no mundo diminuindo as distâncias e suprimindo as escalas espaço-tempo impondo uma lógica de modernidade atrelada a fase de mundialização do capital.

Com o capitalismo globalizado houve uma reorganização das necessidades do processo de ensino-aprendizagem, essas mudanças tornaram relevante o domínio do conhecimento, o qual se constitui numa mercadoria valiosíssima e diferenciadora. Isso tornou fundamental acesso à informações privilegiadas e sigilosas, o conhecimento desse modo é um produto que garante o domínio perante o avanço técnico científico e informacional.

Dessa forma Libânio afirma que:

"Inicialmente os interesses desses organismos esteve voltado quase exclusivamente, para a otimização dos sistemas escolares, no intuito de atender as demandas da globalização, entre as quais a de uma escola provedora de educação que correspondesse a intelectualização do processo produtivo e formadora de consumidores. Atualmente, além de se empenharem na formação do papel do estado na educação, esses mesmos organismos estão preocupados com a exclusão, a segregação, e a marginalização social das populações pobres em razão de essas condições constituírem em parte, fatores improdutivo para o desenvolvimento do capitalismo, ou melhor, serem uma ameaça a estabilidade e a ordem nos países ricos." (2003, p.54).

O modelo imposto por essa sociedade de massa, de caráter fortemente homogeneizador é de um ensino de um cidadão competitivo ao extremo eficiente e capaz de consumir a diversidade de produtos sofisticados gerando um novo estilo de vida, o do consumo. Para Libânio: 'busca-se a eficiência pedagógica por meio da instalação de uma pedagogia da concorrência, da eficiência e dos resultados da produtividade' (2003,p.112).

A partir da década de 1990 com a difusão das práticas neoliberais, o Brasil vêm sendo espaço de um conjunto de reformas na educação que buscam adequar a escola aos objetivos econômicos e político-ideológicos dos países desenvolvidos, os quais subordinam os Estados mais pobres e ditam regras de funcionamento dos setores essenciais ao desenvolvimento da nação.

A função do Estado na conjuntura atual do capitalismo, assim como as diferenças intrínsecas às políticas

educacionais moldadas pelo mesmo, podem ser melhor analisadas e apreendidas diante da globalização e da sua contextualização nos momentos de crises, e da influência das organizações internacionais como: Banco Mundial (BIRD), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), entre outras, nos interesses reguardados dos Estados, a exemplo o Brasil.

Nesse contexto, as políticas educacionais brasileiras da década de 90 são realizadas e organizadas pelo Estado, e para melhor serem compreendidas, precisam ser avaliadas perante o quadro da crise econômica e política que ocorreu nos anos 1970 e 1980, que acarretou em uma nova organização da ordem mundial expressada com maior intensidade a partir da década de 1990.

Está em curso o novo surto de universalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição (IANNI, 1999, p.13).

A escola nesse contexto é o principal agente transformador de opiniões, mas com o avanço tecnológico esta vem perdendo espaço como meio responsável pela construção de conhecimento e do senso crítico. Sendo as novas tecnologias como o computador, celular, tablets entre outros canais difusores do pensamento e grandes responsáveis por impor e reestruturar a adequação desse ambiente a nova realidade global, os quais através da mídia muitas vezes engessa na sociedade a ideologia imposta pela classe dominante à fim de alienar a população num processo que reproduz seu próprio interesse.

O processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar suscita reflexões quanto ao tratamento com as questões espaciais. A escola local de transformação social deixa a desejar quanto seu verdadeiro papel como formadora de opiniões.

Diante do modelo educacional proposto percebe-se a dificuldade na construção de práticas inovadoras tanto por parte dos professores regentes quanto dos estagiários. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a problemática que envolve os limites e as possibilidades na inovação das aulas de estagio supervisionado, devido o curto tempo dos estagiários em sala de aula.

A memorização dos conteúdos tem se confirmado como uma das formas eficazes para abordar as disciplinas na sala de aula, desse modo revelando a precarização do sistema educacional brasileiro e à falta de compromisso do Estado e em alguns momentos dos professores em despertar nos discentes o senso crítico e indagador do funcionamento da sociedade.

No entanto, é preciso analisar que o trabalho dos professores em grande parte é cada vez mais sucateado diante da realidade que é encontrada na sala de aula, a qual coloca estes como mediadores de tensões produzidas socialmente. Desse modo tornando quase impossível e um grande desafio a prática reflexiva e inovação no processo ensino-aprendizagem.

Diante do modelo educacional proposto percebe-se a dificuldade na construção de práticas inovadoras tanto por parte dos professores regentes quanto dos estagiários. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a problemática que envolve os limites e as possibilidades na inovação das aulas de estagio supervisionado, devido o curto tempo dos estagiários em sala de aula e a precária infraestrutura das escolas como também o próprio sistema educacional.

E além desses fatores há uma enorme dificuldade no que se refere a disponibilidade, pois os estagiários tem que cumprir suas tarefas acadêmicas e também dedicar-se a construir uma aula inovadora para que os alunos compreendam a verdadeira importância da geografia enquanto transformadora da sociedade.

Neste sentido objetiva-se analisar a importância da inovação no processo de ensino de aprendizagem no estágio supervisionado, partindo da experiência do estágio, no qual foi trabalhado a disciplina geografia. Desse modo buscando compreender as facetas que (re) produzem as dificuldades da prática educativa no Brasil e também as dificuldades de inovar nas aulas de estágio, diante das questões que permeiam o ambiente escolar e as adequações deste visando atender os interesses da classe dominante e como a geografia contribui para explicar esse novo momento.

É nesse contexto, que as inovações se constituem em limites e possibilidades na prática do estágio supervisionado, perante um ensino tradicional que na maior parte preocupa-se apenas em formar cidadãos aptos a inserção no mercados de trabalho, tornando-os passíveis a alienação promovida pela burguesia.

Dessa forma, o presente artigo busca a partir de um referencial teórico/metodológico discutir a prática de ensino no estagio supervisionado e sua relação com a inovação, partindo de questões empíricas através da prática do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Drº. Augusto César Leite no município de Itabaiana (SE) .Trata-se de um estudo baseado no método dialético, pois este fornece maior aparato para melhor explicar a conjuntura atual que circunda a problemática do ensino público especificando os limites em inovar as aulas durante a vigência do estágio e analisa os fatos sem mascarar a realidade .

Inovações e a Prática de Ensino

Inovar constitui-se numa forma de produzir socialmente outros caminhos possibilitando novas reflexões através de diferentes concepções promovidas pela necessidade de transformar algo já existente, objetivando ampliar o tradicional. Nessa relação, inovar também proporciona uma função projetiva tendo a importância não só de compreender seu significado, mas a amplitude que traz no seu sentido, de realizar novos paradigmas no intuito de construir um pensamento reflexivo e um fazer inovador.

Essa relação traz em seu bojo diversos interesses no que concerne ao seu significado e a sua utilidade enquanto maneira de apreender realidade que se constrói a partir de uma interação entre o passado e o futuro, ampliando as formas já existentes.

O que cada pessoa ou grupo entende por mudança e inovação, bem como a opinião sobre a pertinência das mesmas são muito variadas e costumam estar em consonância coma posição estamental que se ocupa no sistema escolar. Em geral, é-se mais contrario aceitar uma mudança imposta do que participar da promoção da mesma. Por outro lado um dos grupos e das pessoas envolvidas em um processo de inovação pode analisar,conceitualizar, e avaliar as mudanças produzidas ou não em uma inovação de forma muito diferente. Normalmente, o próprio envolvimento no processo de inovação, assim como os benefícios formativos que cada um dos indivíduos possam obter no mesmo, dependem em grande parte de qual seja essa análise,essa conceitualização e essa avaliação. Nesse sentido, esclarecer as condições, os elementos e os fatores que propiciam perspectivas distintas de um mesmo processo de inovação não deixa de ser importante ferramenta de conhecimento para os interessados e os envolvidos no sistema educativo. (HERNÁNDEZ , et al.,2000,p. 30-31).

No que se refere a inovação existem várias concepções que distinguem essa temática, entre elas, Bruno-Faria (2003,p.122), afirma:

Considera-se a inovação como resultado da implementação de idéias, processos, produtos e serviços originários dos indivíduos e/ou grupos na organização, bem como da introdução de novas tecnologias e outros novos elementos originados fora da organização, considerados como valiosos para os resultados da organização e/ou bem-estar das pessoas que nela trabalham.

Dessa maneira, inovar geralmente traz consigo uma relevante mudança podendo acarretar benefícios para um determinado grupo a partir da implementação de ideias socialmente construídas, e pode trazê-los para à organização dos grupos. No entanto, nem sempre a inovação traz consigo mudanças positivas para todos os agrupamentos.

Com relação a inovação educacional, CARRBONELL identifica que:

Um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, idéias, culturas, conteúdo, modelos e praticas pedagógicas. E, por sua vez introduzir, em uma linha inovadora, novos projetos e programas, matérias curriculares estratégias de ensino/aprendizagem, modelos didáticos e/ou outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe. (2002, p.19)

Assim, Carbonell propõe que inovar no sentido educacional é uma intensa mudança em todo o sistema de forma dinâmica abrangendo a instituição de ensino na busca melhorias para os envolvidos nesse processo.

A maior parte do ambiente escolar requer mudanças quanto suas antigas práticas baseadas em métodos tradicionais, as quais não inserem os alunos como os principais atores no processo de ensino/aprendizagem. É importante, dessa forma que a escola acompanhe as transformações que se dão na sociedade e haja um engajamento do conteúdo escolar com o cotidiano.

Diante disso, para PASSINI à aprendizagem ocorre:

O conhecimento não esta no sujeito, não esta no objeto, ele é construído na coordenação entre eles. A vivencia de uma metodologia de pesquisa é uma circunstância favorável para essa coordenação, pois estimula no sujeito a utilização de suas ferramentas de inteligência e desenvolve habilidades como observação, identificação de problemas, levantamento e organização de dados, análise e representações de resultados, comunicação de resultados e a percepção da necessidade de novas pesquisas (2007,p.39).

A articulação teoria- prática-teoria participa desse momento oferecendo ferramentas para construir um novo objeto a "inovação". Assim Passini questiona essa articulação no processo ensino- aprendizagem nos estágios supervisionados e afirma :

Nos estágios supervisionados colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala, nas aulas de prática de Ensino, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias O que ocorre é a articulação prática- teoria- prática- teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria,mais nossa prática pode ser melhorada;quanto mais analisarmos as praticas,mais fundamentos podemos identificar, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada. (2007, p.27).

O processo de ensino-aprendizagem inovador nesse sentido é construído através da articulação entre teoria-prática de forma que, se desenvolva práticas educativas que acrescentem algo novo aos elementos apresentados. Desse modo, o estágio supervisionado contribui para a inovação no processo de ensino-aprendizagem, pois à medida que há a prática estimula-se novas abordagens para determinadas temáticas, as quais produzirão formas inéditas que se constituirão em possibilidades de inovação à já existentes.

Estágio supervisionado e o Desafio: Inovação

O estágio supervisionado é um suporte na articulação entre teoria/prática, sendo de suma importância para que os acadêmicos, futuros licenciados(as) tenham a oportunidade de entrar em contato com a profissão escolhida. É nesse momento que se reconhecem enquanto futuros profissionais de licenciatura, e também passam a adotar uma postura correta diante da classe, seja filosófica ou moral.

No entanto, até que ponto o estágio oferece limites e possibilidades de inovação no processo de ensino-aprendizagem. Até que ponto inovar o método de abordagem do conteúdo discutido pode estimular o processo de ensino-aprendizagem.

Nesses primeiros contatos muitas vezes formam-se barreiras que dificultam projetos inovadores tornando as aulas tradicionais. Isso não se deve apenas à inexperiência do estagiário, mas porque muitos não possuem autonomia para inovarem os conteúdos, como também a precária infraestrutura das escolas minimizam o bom desempenho do estágio.

PASSINI, analisa:

Há licenciandos que tem dificuldade em analisar seriamente o espaço da sala de aula e da escola no seu todo e vêem somente os defeitos e, muitas vezes, pouco colaboram com o professor da classe na compreensão do ensino na disciplina. Isso realmente é mais um problema para o professor já desgastados pelo descaso com que escola publica vem sendo vista. mas há também professores que ano após ano, devido ao compromisso mantém com a escola com seus alunos, realizam projetos integrados extremamente interessantes que são por nós indicados para receber estagiários. Hoje são esses mesmos professores que questionam a presença do estagiário[...] O fato de ter estagiários aumenta o numero de horas de permanência na escola, pelas necessidades de entende-los com seriedade e discutir o próprio trabalho pedagógico; eles, junto com os professores de pratica de ensino, estão contribuindo para a formação do futuro profissional e não recebem nada para fazê-lo. Consideram-no apenas sobretrabalho. (PASSINI,apud PONTUSCHUKA ,1991:123)

Nos primeiros contatos com a turma o estagiário sente-se um invasor num território pouco conhecido dificultando a relação professor/aluno, pois nesse momento a classe terá que adaptar-se a novos procedimentos metodológicos, os quais na maioria das vezes pode gerar uma mudança muito grande de método.

Outro ponto a ser analisado como fator limitante da inovação durante o estágio, é o fato da regência ocorrer num curto espaço de tempo. Os alunos esperam aulas diferentes e mais dinâmicas, impondo aos estagiários à necessidade de inovar, porém devido o próprio calendário da escola e o conteúdo programático em grande parte essas não ocorrem.

A prática inovadora consiste em saber lidar com os problemas da escola no estágio, e buscar de acordo com as condições do professor e do ambiente (lócus) novas alternativas para que possam melhorar a qualidade do ensino nesse período.

Neste sentido inovar consiste em limites e possibilidades durante a regência do estágio, pois as extensas atividades acadêmicas atreladas ao seu próprio planejamento dificultam um maior rendimento e melhor desempenho dos regentes. Isso, desse modo contribui para minimizar a capacidade de práticas inovadoras dos regentes. Ainda soma-se a esses fatores muitas escolas não dispõem de materiais didáticos adequados repassando a competência aos estagiários de aulas criativas e inovadoras, os quais devem ser criativos quase sempre sem nenhum recurso sofisticado.

A partir disso Passini menciona: "o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independentemente do espaço e da infra-estrutura que lhe sejam disponibilizadas" (2007, p 78).

Inovar, introduzir algo novo ao que está preestabelecido nem sempre vai ser bem aceito pela comunidade escolar, pois muitas escolas fundamenta-se em métodos tradicionais e discordar deles pode implicar num choque de ideias entre direção, professor regente, alunos e estagiários.

As novas idéias e inovações necessitam de respostas por parte da organização para ajudá-las a se mover através de terrenos que não estão preparados para reconhecer e apreciar algo novo. Atos criativos são atos de coragem. Primeiro, porque o criador de uma inovação técnica ou social está entrando em águas desconhecidas e provavelmente receberá comentários conflitantes sobre o valor da nova ideia. Segundo, pode o criador encontrar oposição ou hostilidade quando a ideia for apresentada introduzida no sistema; terceiro, porque ao longo do caminho, para uma possível aceitação da ideia, o criador terá de investir uma grande energia pessoal no processo para a inovação ser aceita; quarto, porque atos criativos podem falhar e muitas vezes ameaçam a carreira dos seus responsáveis. (FROST, 1995 apud ALENCAR, 1996, p 16)

É desse modo fundamental que professores regentes e estagiários busquem construir o conhecimento integrando à teoria-prática ideias pensadas na coletividade, assim o processo de inovação será menos conflitante e mais prazeroso aos envolvidos nessa mudança.

O método de abordar determinado assunto pode ser a ser a maneira mais fácil e simples para estimular a busca dos alunos por novos desafios e questionamentos, dessa forma promovendo a interação do conteúdo com os discentes na sala de aula. A adoção de técnicas inovadoras na disciplina Geografia, nas aulas de estágio, realizadas no Colégio Estadual Drº Augusto César Leite, trouxe resultados positivos.

Neste sentido a análise do processo de ensino de geografia, cuja, tem como objeto de estudo o espaço geográfico e como este é expressado na sociedade, constitui-se como uma forma de diminuir a alienação dos cidadãos. Para LACOSTE:

...a forma socialmente dominante da Geografia escolar e universitária, na medida em que ela enuncia uma nomenclatura e que inculca elementos de conhecimento enumerados sem ligação entre si (o relevo - o clima - a vegetação - a população...) tem o resultado não só de mascarar a trama política de tudo aquilo que se refere ao espaço, mas também de impor, implicitamente, que não é preciso senão memória... (1988, p. 32).

Desse modo, esse é um caminho necessário para que haja uma reflexão sobre o objetivo do ensino da Geografia, o qual deve promover a formação de sujeitos que se reconheçam como integrantes da sociedade, pois o trabalho com essa disciplina pressupõe um projeto de reconhecimento espacial que considera a dimensão social, técnica e política para a desconstrução da ideia de perceber a sociedade

como apenas um apêndice do Estado, mas como sujeito do Estado, ou seja como objeto criador desse órgão. Dessa forma, para BRABANT :

discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança o sentido de uma despolitização total. (1989,p.18-19).

Nesse sentido, da forma como o ensino de geografia está estruturado desde a iniciação escolar até a academia, os alunos são pouco estimulados à compreenderem e perceber-se como parte integrante de um organismo social do qual depende da participação e da mobilização para que haja mudanças na base da sociedade de classes em que estão imersos.

Nesse tocante houve uma interação entre o conteúdo discutido na sala de aula e a classe, pois ao serem discutidos temas relacionados à Industrialização, houve uma abordagem mais dinâmica, e crítica, instigando-os a compreenderem os processos que envolvem a evolução da indústria.

Foram utilizados métodos simples, mais diferentes do que eles estavam acostumados, entre eles: apresentação das ideias dos alunos sobre o tema estudado, os alunos da turma foram divididos em duplas, as quais deveriam informar as principais características desse processo nesses países. Assim, através de exposição de fotos de algumas das principais produtos e marcas produzidas na Itália, França, Alemanha e Reino Unido, era discutida à industrialização desses países e sua semelhanças e especificidades.

Neste sentido percebeu-se que os alunos ao serem estimulados, construíam novas ideias, e nessa interação o conhecimento realmente se fez presente, retirando a mesmice de reproduzir o que os autores escrevem nos livros didáticos de forma positivista. É importante aproximar os alunos do seu cotidiano partindo de uma abordagem local, pois a relação com a realidade dos discentes é diversificada facilitando a sua compreensão. Nesse tocante, as experiências dos alunos devem ser aproveitadas e problematizadas em sala de aula, pois a escola tem um forte papel social para a formação do ser humano e de sua cidadania. Por conseguinte, Kimura Shoko fala sobre a importância na construção da argumentação pelos alunos, pois os mesmos também são responsáveis pela construção do saber.

''O aluno na escola, o aluno na aula de geografia, não é fragmento de pessoa, ele é esta pessoa como um todo, ele é feixe de modos de ser no qual se inclui também o ser cognitivo a quem se pretende disponibilizar algumas formas de compreender geograficamente o mundo.' '(SHOKO, 2000 p.20)

Inovar as aulas de geografia requer não apenas a utilização de matérias didáticos apropriados, mas é de suma importância eliminar a visão positivista de muitos professores os quais permitem essa análise. A estrutura precária das escolas e a visão positivista ajuda a geografia a perder seu grande papel social enquanto disciplina. Para BRABANT:

Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança o sentido de uma despolitização total. (1989,p.18-19).

Disto, entende-se então que a relação entre o ensino e a aprendizagem é muitas vezes vazia de significado, o aluno não participa do processo, apenas é um mero espectador. E concordamos então com

Luckesi e Passos, quando dizem que “na maior parte das vezes, os professores estão mais preocupados com os textos a serem lidos e estudados, do que com a própria realidade que necessita ser desvendada” (LUCKESI; PASSOS, 1995, p. 36).

Com a inserção da tecnologia disseminada pela globalização o ato de inovar sofreu transformações na escola, e a geografia enquanto disciplina deve adequar-se as exigências do momento atual, as quais acontecem rapidamente modificando a sociedade e o ensino .

Por sua vez, o ensino de geografia atualmente não está estruturado como uma ciência destinada a memorização dos conteúdos como é realizado por uma parcela dos professores tradicionais, mas esta preocupa-se em analisar as relações que se dão no espaço a partir da interação homem- natureza. Dessa forma essa relação é construída dialeticamente principalmente com a introdução do modo capitalista, visto que a ciência geográfica concomitantemente às práticas de ensino contribui para a formação de cidadãos críticos capazes de compreenderem o espaço geográfico, percebido como o palco das transformações sociais, no decorrer dos diferentes tempos histórico. Com isso segundo PAULINO,

a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem e, enquanto matéria de ensino, ela permite que o se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (2008, p.01).

É de competência dos professores a utilização das diversas metodologias para inovarem as aulas e despertar nos alunos a capacidade dos mesmos buscarem novas alternativas além do livro didático para compreenderem o espaço que estão inseridos e os modos de organização e produção social que fazem parte das construções histórico-sociais produzidos pelos atores desse espaço.

Inovação é uma forma mais especializada de mudança. Inovação é uma ideia aplicada a iniciar ou melhorar um produto, processo ou serviço. Assim, todas as inovações envolvem mudança,mas nem todas as mudanças necessariamente envolvem novas mudanças ou levam a melhorias significativas.(ROBBINS apud BRUNO-FARIA,2003,p.132).

Assim o estágio supervisionado, proporciona uma espécie de ‘ ‘laboratório’ ’ para dar apoio ao estagiário para que este perceba a importância da inovação no ambiente escolar, pois esta traduz-se positivamente ao passo que instiga os alunos a refletirem novas ideias, estimulando-os a curiosidade, ao debate e a buscarem soluções para revolverem os possíveis questionamento. Entende-se então que lecionar é um momento de troca de aprendizagem entre os envolvidos e por isso requer também técnicas criativas que dinamize essa troca e que possa quebrar as barreiras da mesmice, no qual pouco contribuem na eficácia da aprendizagem e na vontade de apreender as extensas informações reproduzidas pelos professores.

Considerações finais

As técnicas inovadoras na escola consiste em uma parceria entre todos os envolvidos no sistema educacional, desde os governantes que são os responsáveis pela forma como configura-se o ensino no Brasil, e todo o corpo docente, além do que parte dos professores a iniciativa de ampliar o melhoramento de suas aulas a partir dos recursos disponibilizados pela escola e de seus próprios matérias que podem servir de auxílio no seu trabalho.

O estágio foi muito importante, pois a prática proporcionou uma aproximação do cotidiano do professor e o entendimento que ensinar não é apenas transmitir conteúdos e sim uma troca de conhecimentos que

exige ética, cumplicidade, e muita pesquisa. Além disso, o estágio é o momento de saber se realmente almeja-se lecionar diante de todas as dificuldades encontradas na realidade da escola.

Dessa forma, a busca por uma educação que seja capaz de transformar o momento do aprendizado em algo significativo para o crescimento intelectual e pessoal dos alunos e do próprio professor, pois à escola é um local de suporte proporcionando momentos de transformação do pensamento, o que leva os cidadãos a serem pessoas capazes de atuar como agentes transformadores da sociedade e das desigualdades que são imposta pelas classe dominantes.

Portanto, inovar não é uma tarefa fácil já que existem numerosos problemas no sistema de ensino proposto pelo Estado, e sendo que existem varias exigências impostas pelo mercado de trabalho no qual requer um profissional cada vez mais qualificado e polivalente. Tem-se então uma reestruturação do papel da escola, o qual fica em parte restrito a abordagem de conhecimento de uma forma mecânica, induzindo os alunos a estarem aptos a responderem provas classificatórias visando a inserção deles nas academias.

Referências

ALENCAR, Eunice Soriano de. **A Gerencia da Criatividade**. São Paulo: Makron. Books,1996

BRABANT, J. **Crise da geografia, crise da escola**. OLIVEIRA, A. U. de. (org.). Para onde vai o ensino de geografia São Paulo: Contexto, 1989

CARBONELL, J. A.U.ME. **A Aventura de Inovar: a Mudança na Escola**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002

FARIA-BRUNO. **Mudança Organizacional: Tória e Gestão**. Rio de Janeiro: FGV,2003

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, Vozes, 1998.

HERNANDEZ, Fernando, et al. **Aprendendo com as Inovações nas Escolas**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IANNI, Octávio. **A era do Globalismo**. Rio de Janeiro, o: Civilização Brasileira, 1999LACOSTE, Yves. A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1988.

Libanio, Jose Carlos, **A educação Escolar no contexto das transformações da sociedade contemporânea** . São Paulo:Ed. Cortez, 2003

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez,1995.

PAULINO, Clenice. **O Ensino De Geografia Nos Dias Atuais**.
<http://www.webartigos.com/articles/8559/1/A-Educacao-E-O-Ensino-Da-Geografia/pagina1.html>.
Acessado no dia 14/07/2010.

PASSINI, Elza Yasuko,PASSINI Romão, MALYSZ,Sandra T. (Organizadores). **Pratica de Ensino de Geografia e Estagio Supervisionado**. São Paulo: Contexto,2007

O processo de ensino/aprendizagem e os limites e possibilidades de inovações no estágio supervisionado

¹Maria Joseane Costa Santos - Graduanda em Geografia da Universidade Federal de Sergipe

e-mail: josheanne@yahoo.com.br

Eixo 11: Educação, Sociedades e Práticas Educativas

Resumo

O presente artigo busca enfatizar a importância da inovação no processo de ensino/aprendizagem a partir do Estágio Supervisionado, analisando as dificuldades de inovar nas aulas de estágio, diante das questões que cercam o ambiente escolar e as adequações do mesmo objetivando atender os interesses da classe dominante e como a geografia contribui para explicar esse novo momento. É nesse sentido, que o ato de inovar constitui-se em limites e possibilidades na prática do estágio supervisionado, perante um ensino tradicional que na maior parte preocupa-se apenas em formar cidadãos aptos a inserção no mercados de trabalho, tornando-os passíveis a alienação promovida por uma escola historicamente ligada a forma injustas de reprodução social. Os procedimentos metodológicos foram referencial teórico/metodológico, as questões empíricas levantadas através da prática do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Drº. Augusto César Leite no município de Itabaiana (SE) .

Palavras-Chave: Estagio Supervisionado, Processo de ensino/aprendizagem, Inovação;

Abstract

This article aims to focus on the importance of innovation in the teaching / learning from Supervised by analyzing the difficulties of innovating in the classroom stage, given the issues that surround the school environment and the adaptations meet the same objective class interests dominant and how geography helps explain this new momento.É this sense, the act of innovation consists in the limitations and possibilities of supervised practice before a traditional teaching that mostly concerns itself to form citizens capable insertion into the labor market, making them insusceptible alienation fostered by a school historically linked to for unjust socia reproduction. The methodological procedures were theoretical/ methodological, empirical issues raised by the practice of supervised internship conducted in the State School Dr °. César Augusto Leite in the municipality of Itabaiana (SE).

Key Words: Supervised Internship Process, teaching / learning, Innovation;

Introdução

O sistema educacional no Brasil passa por diversas transformações decorrentes de cada momento histórico. Estas ocorrem muitas vezes para assegurar os interesses da classe dominante, a qual comanda e manipula os objetivos educacionais no país . Desse modo, essas mudanças em grande parte não foram para garantir uma educação de qualidade, estas visam principalmente o maior quantitativo de pessoas ´ ´alfabetizadas´ ´ e aptas a exercer determinados processo de trabalho em detrimento da qualidade.

Essas mudanças, dessa forma repercutem o objetivo central de apresentar um bom desempenho diante dos organismos internacionais, a exemplo o Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, cujos exigem determinadas políticas de ajustamento do Estado nacional para liberalização de fundos e empréstimos. Nesse sentido há uma enorme precarização do sistema educacional brasileiro prevalecendo ações de cunho político-social ligadas à interesses de reprodução socialmente injustas .

A partir disso, inovar as aulas torna-se um desafio diante dos limites e possibilidades apresentados no universo escolar para os professores regentes e para os estagiários, pois o próprio sistema educacional da forma como foi moldado apresenta-se desafiador e muitas vezes onipotente.

A trajetória do sistema educacional brasileiro se deu a partir do final do Império e começo da República, inicia-se uma política educacional estatal recorrente do fortalecimento do Estado. Até então, a política educacional era feita quase que exclusivamente no âmbito da sociedade civil, pela Igreja Católica. Durante o período colonial a educação assegurava o domínio dos portugueses sobre os índios e os negros escravos. No Império começa a surgir uma sociedade classista, e a educação, além de reproduzir a ideologia dominante, passava a reproduzir também a estrutura de classes. A partir da Primeira República, ela passa a ser valorizada como instrumento de reprodução das relações de produção.

Na década de 20, a educação exercia função de ascensão social e não assumia seu real papel de educadora. Nos níveis médio e primário, a oferta era pouca, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado.

A partir do desenvolvimento de uma sociedade urbano-industrial, as estruturas de poder, atrelados a industrialização resultou em mudanças na educação. Foi criado o Ministério da Educação e Saúde, em 1930; implantou-se a universidade pela fusão de várias instituições isoladas de ensino superior; e surgiu o sistema nacional de ensino, até então inexistente.

O projeto de industrialização que se efetivou no país na "Era Vargas" teve amplas repercussões no plano do processo educativo do país. Para GILES (1987, p. 221):

''Foi a industrialização que obrigou o próprio Estado a assumir a responsabilidade de erradicar o analfabetismo, pois as tarefas demandavam ao menos um mínimo de qualificação para o maior número possível de trabalhadores. O próprio mercado de trabalho assim o exigia. O crescimento na demanda social faz pressão sobre o processo educativo existente e, no Brasil, é a Revolução de 1930 que determina a formulação dessa nova demanda e modifica o papel do próprio estado nesse processo. A Revolução de 1930 cria condições para a modificação dessa situação e abre a possibilidade de se expandir o ensino, para nele incluir uma parcela maior da população, especificamente nas regiões mais industrializadas. ''

Foi nesse molde que o Brasil iniciou sua política educacional que vem processando-se até este século. Com a Constituição de 1934 estabeleceu a necessidade de elaboração de um Plano Nacional de Educação que coordenasse e supervisionasse as atividades de ensino em todos os níveis, regulamentando as formas de financiamento do ensino oficial em cotas fixas para a Federação.

A Constituição de 1946 fixou a necessidade de novas leis educacionais que substituíssem as anteriores, consideradas ultrapassadas para o novo momento econômico e político que o país passava a viver. O final da Segunda Guerra também imprime ao país novas necessidades que a educação não podia ignorar. Era um período de transitoriedade em que havia intensa manifestação à respeito dos rumos do sistema educacional.

Após muitos debates, foi aprovada em 1961, a Lei n.º 4.024, que estabelecia as diretrizes e as bases da educação nacional. Nesta ficou estabelecido que tanto o setor público como o setor privado tem o direito de ministrar o ensino em todos os níveis.

A partir da construção ideológica de uma sociedade globalizada do conhecimento técnico científico informacional, ou sociedade tecnológica, molda-se os novos paradigmas e as políticas educacionais para atender a demanda da produção e do mercado, coadunando com os interesses dos países centrais. De

acordo com FRIGOTTO (1998:44-5): "Trata-se de uma educação e formação que desenvolvam habilidades básicas no plano do conhecimento, das atitudes e dos valores, produzindo competências para gestão da qualidade, para a produtividade e competitividade e, conseqüentemente, para a "empregabilidade".

As transformações na sociedade modificaram ideias e quebraram antigos paradigmas. Estas ocorreram desde o plano político-econômico ao social. Os avanços tecnológicos permitiram intensificar o fluxo de informações no mundo diminuindo as distâncias e suprimindo as escalas espaço-tempo impondo uma lógica de modernidade atrelada a fase de mundialização do capital.

Com o capitalismo globalizado houve uma reorganização das necessidades do processo de ensino-aprendizagem, essas mudanças tornaram relevante o domínio do conhecimento, o qual se constitui numa mercadoria valiosíssima e diferenciadora. Isso tornou fundamental acesso à informações privilegiadas e sigilosas, o conhecimento desse modo é um produto que garante o domínio perante o avanço técnico científico e informacional.

Dessa forma Libânio afirma que:

"Inicialmente os interesses desses organismos esteve voltado quase exclusivamente, para a otimização dos sistemas escolares, no intuito de atender as demandas da globalização, entre as quais a de uma escola provedora de educação que correspondesse a intelectualização do processo produtivo e formadora de consumidores. Atualmente, além de se empenharem na formação do papel do estado na educação, esses mesmos organismos estão preocupados com a exclusão, a segregação, e a marginalização social das populações pobres em razão de essas condições constituírem em parte, fatores improdutivo para o desenvolvimento do capitalismo, ou melhor, serem uma ameaça a estabilidade e a ordem nos países ricos." (2003, p.54).

O modelo imposto por essa sociedade de massa, de caráter fortemente homogeneizador é de um ensino de um cidadão competitivo ao extremo eficiente e capaz de consumir a diversidade de produtos sofisticados gerando um novo estilo de vida, o do consumo. Para Libânio: "busca-se a eficiência pedagógica por meio da instalação de uma pedagogia da concorrência, da eficiência e dos resultados da produtividade" (2003,p.112).

A partir da década de 1990 com a difusão das práticas neoliberais, o Brasil vêm sendo espaço de um conjunto de reformas na educação que buscam adequar a escola aos objetivos econômicos e político-ideológicos dos países desenvolvidos, os quais subordinam os Estados mais pobres e ditam regras de funcionamento dos setores essenciais ao desenvolvimento da nação.

A função do Estado na conjuntura atual do capitalismo, assim como as diferenças intrínsecas às políticas educacionais moldadas pelo mesmo, podem ser melhor analisadas e apreendidas diante da globalização e da sua contextualização nos momentos de crises, e da influência das organizações internacionais como: Banco Mundial (BIRD), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), entre outras, nos interesses reguardados dos Estados, a exemplo o Brasil.

Nesse contexto, as políticas educacionais brasileiras da década de 90 são realizadas e organizadas pelo Estado, e para melhor serem compreendidas, precisam ser avaliadas perante o quadro da crise econômica e política que ocorreu nos anos 1970 e 1980, que acarretou em uma nova organização da ordem mundial expressada com maior intensidade a partir da década de 1990.

Está em curso o novo surto de universalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição (IANNI, 1999, p.13).

A escola nesse contexto é o principal agente transformador de opiniões, mas com o avanço tecnológico esta vem perdendo espaço como meio responsável pela construção de conhecimento e do senso crítico. Sendo as novas tecnologias como o computador, celular, tablets entre outros canais difusores do pensamento e grandes responsáveis por impor e reestruturar a adequação desse ambiente a nova realidade global, os quais através da mídia muitas vezes engessa na sociedade a ideologia imposta pela classe dominante à fim de alienar a população num processo que reproduz seu próprio interesse.

O processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar suscita reflexões quanto ao tratamento com as questões espaciais. A escola local de transformação social deixa a desejar quanto seu verdadeiro papel como formadora de opiniões.

Diante do modelo educacional proposto percebe-se a dificuldade na construção de práticas inovadoras tanto por parte dos professores regentes quanto dos estagiários. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a problemática que envolve os limites e as possibilidades na inovação das aulas de estágio supervisionado, devido o curto tempo dos estagiários em sala de aula.

A memorização dos conteúdos tem se confirmado como uma das formas eficazes para abordar as disciplinas na sala de aula, desse modo revelando a precarização do sistema educacional brasileiro e à falta de compromisso do Estado e em alguns momentos dos professores em despertar nos discentes o senso crítico e indagador do funcionamento da sociedade.

No entanto, é preciso analisar que o trabalho dos professores em grande parte é cada vez mais sucateado diante da realidade que é encontrada na sala de aula, a qual coloca estes como mediadores de tensões produzidas socialmente. Desse modo tornando quase impossível e um grande desafio a prática reflexiva e inovação no processo ensino-aprendizagem.

Diante do modelo educacional proposto percebe-se a dificuldade na construção de práticas inovadoras tanto por parte dos professores regentes quanto dos estagiários. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a problemática que envolve os limites e as possibilidades na inovação das aulas de estágio supervisionado, devido o curto tempo dos estagiários em sala de aula e a precária infraestrutura das escolas como também o próprio sistema educacional.

E além desses fatores há uma enorme dificuldade no que se refere a disponibilidade, pois os estagiários tem que cumprir suas tarefas acadêmicas e também dedicar-se a construir uma aula inovadora para que os alunos compreendam a verdadeira importância da geografia enquanto transformadora da sociedade.

Neste sentido objetiva-se analisar a importância da inovação no processo de ensino de aprendizagem no estágio supervisionado, partindo da experiência do estágio, no qual foi trabalhado a disciplina geografia. Desse modo buscando compreender as facetas que (re) produzem as dificuldades da prática educativa no Brasil e também as dificuldades de inovar nas aulas de estágio, diante das questões que permeiam o ambiente escolar e as adequações deste visando atender os interesses da classe dominante e como a geografia contribui para explicar esse novo momento.

É nesse contexto, que as inovações se constituem em limites e possibilidades na prática do estágio supervisionado, perante um ensino tradicional que na maior parte preocupa-se apenas em formar cidadãos aptos a inserção no mercados de trabalho, tornando-os passíveis a alienação promovida pela burguesia.

Dessa forma, o presente artigo busca a partir de um referencial teórico/metodológico discutir a prática de ensino no estágio supervisionado e sua relação com a inovação, partindo de questões empíricas através da prática do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Drº. Augusto César Leite no município de Itabaiana (SE) .Trata-se de um estudo baseado no método dialético, pois este fornece maior aparato para melhor explicar a conjuntura atual que circunda a problemática do ensino público especificando os limites em inovar as aulas durante a vigência do estágio e analisa os fatos sem mascarar a realidade .

Inovações e a Prática de Ensino

Inovar constitui-se numa forma de produzir socialmente outros caminhos possibilitando novas reflexões através de diferentes concepções promovidas pela necessidade de transformar algo já existente, objetivando ampliar o tradicional. Nessa relação, inovar também proporciona uma função projetiva tendo a importância não só de compreender seu significado, mas a amplitude que traz no seu sentido, de realizar novos paradigmas no intuito de construir um pensamento reflexivo e um fazer inovador.

Essa relação traz em seu bojo diversos interesses no que concerne ao seu significado e a sua utilidade enquanto maneira de apreender realidade que se constrói a partir de uma interação entre o passado e o futuro, ampliando as formas já existentes.

O que cada pessoa ou grupo entende por mudança e inovação, bem como a opinião sobre a pertinência das mesmas são muito variadas e costumam estar em consonância coma posição estamental que se ocupa no sistema escolar. Em geral, é-se mais contrario aceitar uma mudança imposta do que participar da promoção da mesma. Por outro lado um dos grupos e das pessoas envolvidas em um processo de inovação pode analisar,conceitualizar, e avaliar as mudanças produzidas ou não em uma inovação de forma muito diferente. Normalmente, o próprio envolvimento no processo de inovação, assim como os benefícios formativos que cada um dos indivíduos possam obter no mesmo, dependem em grande parte de qual seja essa análise,essa conceitualização e essa avaliação. Nesse sentido, esclarecer as condições, os elementos e os fatores que propiciam perspectivas distintas de um mesmo processo de inovação não deixa de ser importante ferramenta de conhecimento para os interessados e os envolvidos no sistema educativo. (HERNÁNDEZ , et al.,2000,p. 30-31).

No que se refere a inovação existem várias concepções que distinguem essa temática, entre elas, Bruno-Faria (2003,p.122), afirma:

Considera-se a inovação como resultado da implementação de idéias, processos, produtos e serviços originários dos indivíduos e/ou grupos na organização, bem como da introdução de novas tecnologias e outros novos elementos originados fora da organização, considerados como valiosos para os resultados da organização e/ou bem- estar das pessoas que nela trabalham.

Dessa maneira, inovar geralmente traz consigo uma relevante mudança podendo acarretar benefícios para um determinado grupo a partir da implementação de ideias socialmente construídas, e pode trazê-los para à organização dos grupos. No entanto, nem sempre a inovação traz consigo mudanças positivas para todos os agrupamentos.

Com relação a inovação educacional, CARRBONELL identifica que:

Um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, idéias, culturas, conteúdo, modelos e praticas pedagógicas. E, por sua vez introduzir, em uma linha inovadora, novos projetos e programas, matérias curriculares estratégias de ensino/aprendizagem, modelos didáticos e/ou outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe. (2002, p.19)

Assim, Carbonell propõe que inovar no sentido educacional é uma intensa mudança em todo o sistema de forma dinâmica abrangendo a instituição de ensino na busca melhorias para os envolvidos nesse processo.

A maior parte do ambiente escolar requer mudanças quanto suas antigas práticas baseadas em métodos tradicionais, as quais não inserem os alunos como os principais atores no processo de ensino/aprendizagem. É importante, dessa forma que a escola acompanhe as transformações que se dão na sociedade e haja um engajamento do conteúdo escolar com o cotidiano.

Diante disso, para PASSINI à aprendizagem ocorre:

O conhecimento não esta no sujeito, não esta no objeto, ele é construído na coordenação entre eles. A vivencia de uma metodologia de pesquisa é uma circunstância favorável para essa coordenação, pois estimula no sujeito a utilização de suas ferramentas de inteligência e desenvolve habilidades como observação, identificação de problemas, levantamento e organização de dados, análise e representações de resultados, comunicação de resultados e a percepção da necessidade de novas pesquisas (2007,p.39).

A articulação teoria- prática-teoria participa desse momento oferecendo ferramentas para construir um novo objeto a "inovação". Assim Passini questiona essa articulação no processo ensino- aprendizagem nos estágios supervisionados e afirma :

Nos estágios supervisionados colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala, nas aulas de prática de Ensino, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias O que ocorre é a articulação prática- teoria- prática- teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria,mais nossa prática pode ser melhorada;quanto mais analisarmos as praticas,mais fundamentos podemos identificar, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada. (2007, p.27).

O processo de ensino-aprendizagem inovador nesse sentido é construído através da articulação entre teoria-prática de forma que, se desenvolva práticas educativas que acrescentem algo novo aos elementos apresentados. Desse modo, o estágio supervisionado contribui para a inovação no processo de ensino-aprendizagem, pois à medida que há a prática estimula-se novas abordagens para determinadas temáticas, as quais produzirão formas inéditas que se constituirão em possibilidades de inovação à já existentes.

Estágio supervisionado e o Desafio: Inovação

O estágio supervisionado é um suporte na articulação entre teoria/prática, sendo de suma importância para que os acadêmicos, futuros licenciados(as) tenham a oportunidade de entrar em contato com a

profissão escolhida. É nesse momento que se reconhecem enquanto futuros profissionais de licenciatura, e também passam a adotar uma postura correta diante da classe, seja filosófica ou moral.

No entanto, até que ponto o estágio oferece limites e possibilidades de inovação no processo de ensino-aprendizagem. Até que ponto inovar o método de abordagem do conteúdo discutido pode estimular o processo de ensino-aprendizagem.

Nesses primeiros contatos muitas vezes formam-se barreiras que dificultam projetos inovadores tornando as aulas tradicionais. Isso não se deve apenas à inexperiência do estagiário, mas porque muitos não possuem autonomia para inovarem os conteúdos, como também a precária infraestrutura das escolas minimizam o bom desempenho do estágio.

PASSINI, analisa:

Há licenciandos que tem dificuldade em analisar seriamente o espaço da sala de aula e da escola no seu todo e vêem somente os defeitos e, muitas vezes, pouco colaboram com o professor da classe na compreensão do ensino na disciplina. Isso realmente é mais um problema para o professor já desgastados pelo descaso com que escola publica vem sendo vista. mas há também professores que ano após ano, devido ao compromisso mantém com a escola com seus alunos, realizam projetos integrados extremamente interessantes que são por nós indicados para receber estagiários. Hoje são esses mesmos professores que questionam a presença do estagiário[...] O fato de ter estagiários aumenta o numero de horas de permanência na escola, pelas necessidades de entendê-los com seriedade e discutir o próprio trabalho pedagógico; eles, junto com os professores de pratica de ensino, estão contribuindo para a formação do futuro profissional e não recebem nada para fazê-lo. Consideram-no apenas sobretrabalho. (PASSINI,apud PONTUSCHUKA ,1991:123)

Nos primeiros contatos com a turma o estagiário sente-se um invasor num território pouco conhecido dificultando a relação professor/aluno, pois nesse momento a classe terá que adaptar-se a novos procedimentos metodológicos, os quais na maioria das vezes pode gerar uma mudança muito grande de método.

Outro ponto a ser analisado como fator limitante da inovação durante o estágio, é o fato da regência ocorrer num curto espaço de tempo. Os alunos esperam aulas diferentes e mais dinâmicas, impondo aos estagiários à necessidade de inovar, porém devido o próprio calendário da escola e o conteúdo programático em grande parte essas não ocorrem.

A prática inovadora consiste em saber lidar com os problemas da escola no estágio, e buscar de acordo com as condições do professor e do ambiente (lócus) novas alternativas para que possam melhorar a qualidade do ensino nesse período.

Neste sentido inovar consiste em limites e possibilidades durante a regência do estágio, pois as extensas atividades acadêmicas atreladas ao seu próprio planejamento dificultam um maior rendimento e melhor desempenho dos regentes. Isso, desse modo contribui para minimizar a capacidade de práticas inovadoras dos regentes. Ainda soma-se a esses fatores muitas escolas não dispõem de materiais didáticos adequados repassando a competência aos estagiários de aulas criativas e inovadoras, os quais devem ser criativos quase sempre sem nenhum recurso sofisticado.

A partir disso Passini menciona: "o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independentemente do espaço e da infra-estrutura que lhe sejam disponibilizadas" (2007,p 78).

Inovar, introduzir algo novo ao que está preestabelecido nem sempre vai ser bem aceito pela comunidade escolar, pois muitas escolas fundamenta-se em métodos tradicionais e discordar deles pode implicar num choque de ideias entre direção, professor regente, alunos e estagiários.

As novas idéias e inovações necessitam de respostas por parte da organização para ajudá-las a se mover através de terrenos que não estão preparados para reconhecer e apreciar algo novo. Atos criativos são atos de coragem. Primeiro, porque o criador de uma inovação técnica ou social esta entrando em águas desconhecidas e provavelmente recebera comentários conflitantes sobre o valor da nova ideia. Segundo, pode o criador encontrar oposição ou hostilidade quando a ideia for apresentada introduzida no sistema; terceiro, porque ao longo do caminho, para uma possível aceitação da ideia, o criador terá de investir uma grande energia pessoal no processo para a inovação ser aceita;quarto, porque atos criativos podem falhar e muitas vezes ameaçam a carreira dos seus responsáveis. (FROST,1995 apud ALENCAR, 1996,p 16)

É desse modo fundamental que professores regentes e estagiários busquem construir o conhecimento integrando à teoria-prática ideias pensadas na coletividade, assim o processo de inovação será menos conflitante e mais prazeroso aos envolvidos nessa mudança.

O método de abordar determinado assunto pode ser a ser a maneira mais fácil e simples para estimular a busca dos alunos por novos desafios e questionamentos, dessa forma promovendo a interação do conteúdo com os discentes na sala de aula. A adoção de técnicas inovadoras na disciplina Geografia, nas aulas de estágio, realizadas no Colégio Estadual Drº Augusto César Leite, trouxe resultados positivos.

Neste sentido a análise do processo de ensino de geografia, cuja, tem como objeto de estudo o espaço geográfico e como este é expressado na sociedade, constitui-se como uma forma de diminuir a alienação dos cidadãos. Para LACOSTE:

...a forma socialmente dominante da Geografia escolar e universitária, na medida em que ela enuncia uma nomenclatura e que inculca elementos de conhecimento enumerados sem ligação entre si (o relevo - o clima - a vegetação - a população...) tem o resultado não só de mascarar a trama política de tudo aquilo que se refere ao espaço, mas também de impor, implicitamente, que não é preciso senão memória... (1988, p. 32).

Desse modo, esse é um caminho necessário para que haja uma reflexão sobre o objetivo do ensino da Geografia, o qual deve promover a formação de sujeitos que se reconheçam como integrantes da sociedade, pois o trabalho com essa disciplina pressupõe um projeto de reconhecimento espacial que considera a dimensão social, técnica e política para a desconstrução da ideia de perceber a sociedade como apenas um apêndice do Estado, mas como sujeito do Estado, ou seja como objeto criador desse órgão. Dessa forma, para BRABANT :

discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança o sentido de uma despolitização total. (1989,p.18-19).

Nesse sentido, da forma como o ensino de geografia está estruturado desde a iniciação escolar até a

academia, os alunos são pouco estimulados à compreenderem e perceber-se como parte integrante de um organismo social do qual depende da participação e da mobilização para que haja mudanças na base da sociedade de classes em que estão imersos.

Nesse tocante houve uma interação entre o conteúdo discutido na sala de aula e a classe, pois ao serem discutidos temas relacionados à Industrialização, houve uma abordagem mais dinâmica, e crítica, instigando-os a compreenderem os processos que envolvem a evolução da indústria.

Foram utilizados métodos simples, mais diferentes do que eles estavam acostumados, entre eles: apresentação das ideias dos alunos sobre o tema estudado, os alunos da turma foram divididos em duplas, as quais deveriam informar as principais características desse processo nesses países. Assim, através de exposição de fotos de algumas das principais produtos e marcas produzidas na Itália, França, Alemanha e Reino Unido, era discutida à industrialização desses países e sua semelhanças e especificidades.

Neste sentido percebeu-se que os alunos ao serem estimulados, construíam novas ideias, e nessa interação o conhecimento realmente se fez presente, retirando a mesmice de reproduzir o que os autores escrevem nos livros didáticos de forma positivista. É importante aproximar os alunos do seu cotidiano partindo de uma abordagem local, pois a relação com a realidade dos discentes é diversificada facilitando a sua compreensão. Nesse tocante, as experiências dos alunos devem ser aproveitadas e problematizadas em sala de aula, pois a escola tem um forte papel social para a formação do ser humano e de sua cidadania. Por conseguinte, Kimura Shoko fala sobre a importância na construção da argumentação pelos alunos, pois os mesmos também são responsáveis pela construção do saber.

“O aluno na escola, o aluno na aula de geografia, não é fragmento de pessoa, ele é esta pessoa como um todo, ele é feixe de modos de ser no qual se inclui também o ser cognitivo a quem se pretende disponibilizar algumas formas de compreender geograficamente o mundo.” (SHOKO, 2000 p.20)

Inovar as aulas de geografia requer não apenas a utilização de materiais didáticos apropriados, mas é de suma importância eliminar a visão positivista de muitos professores os quais permitem essa análise. A estrutura precária das escolas e a visão positivista ajuda a geografia a perder seu grande papel social enquanto disciplina. Para BRABANT:

Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança o sentido de uma despolitização total. (1989,p.18-19).

Disto, entende-se então que a relação entre o ensino e a aprendizagem é muitas vezes vazia de significado, o aluno não participa do processo, apenas é um mero espectador. E concordamos então com Luckesi e Passos, quando dizem que “na maior parte das vezes, os professores estão mais preocupados com os textos a serem lidos e estudados, do que com a própria realidade que necessita ser desvendada” (LUCKESI; PASSOS, 1995, p. 36).

Com a inserção da tecnologia disseminada pela globalização o ato de inovar sofreu transformações na escola, e a geografia enquanto disciplina deve adequar-se as exigências do momento atual, as quais acontecem rapidamente modificando a sociedade e o ensino .

Por sua vez, o ensino de geografia atualmente não está estruturado como uma ciência destinada a memorização dos conteúdos como é realizado por uma parcela dos professores tradicionais, mas esta preocupa-se em analisar as relações que se dão no espaço a partir da interação homem- natureza. Dessa

forma essa relação é construída dialeticamente principalmente com a introdução do modo capitalista, visto que a ciência geográfica concomitantemente às práticas de ensino contribui para a formação de cidadãos críticos capazes de compreenderem o espaço geográfico, percebido como o palco das transformações sociais, no decorrer dos diferentes tempos histórico. Com isso segundo PAULINO,

a geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem e, enquanto matéria de ensino, ela permite que o se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (2008, p.01).

É de competência dos professores a utilização das diversas metodologias para inovarem as aulas e despertar nos alunos a capacidade dos mesmos buscarem novas alternativas além do livro didático para compreenderem o espaço que estão inseridos e os modos de organização e produção social que fazem parte das construções histórico-sociais produzidos pelos atores desse espaço.

Inovação é uma forma mais especializada de mudança. Inovação é uma ideia aplicada a iniciar ou melhorar um produto, processo ou serviço. Assim, todas as inovações envolvem mudança,mas nem todas as mudanças necessariamente envolvem novas mudanças ou levam a melhorias significativas.(ROBBINS apud BRUNO-FARIA,2003,p.132).

Assim o estágio supervisionado, proporciona uma espécie de ‘ ‘laboratório’ ’ para dar apoio ao estagiário para que este perceba a importância da inovação no ambiente escolar, pois esta traduz-se positivamente ao passo que instiga os alunos a refletirem novas ideias, estimulando-os a curiosidade, ao debate e a buscarem soluções para revolverem os possíveis questionamento. Entende-se então que lecionar é um momento de troca de aprendizagem entre os envolvidos e por isso requer também técnicas criativas que dinamize essa troca e que possa quebrar as barreiras da mesmice, no qual pouco contribuem na eficácia da aprendizagem e na vontade de apreender as extensas informações reproduzidas pelos professores.

Considerações finais

As técnicas inovadoras na escola consiste em uma parceria entre todos os envolvidos no sistema educacional, desde os governantes que são os responsáveis pela forma como configura-se o ensino no Brasil, e todo o corpo docente, além do que parte dos professores a iniciativa de ampliar o melhoramento de suas aulas a partir dos recursos disponibilizados pela escola e de seus próprios matérias que podem servir de auxílio no seu trabalho.

O estágio foi muito importante, pois a prática proporcionou uma aproximação do cotidiano do professor e o entendimento que ensinar não é apenas transmitir conteúdos e sim uma troca de conhecimentos que exige ética, cumplicidade, e muita pesquisa. Além disso, o estágio é o momento de saber se realmente almeja-se lecionar diante de todas as dificuldades encontradas na realidade da escola.

Dessa forma, a busca por uma educação que seja capaz de transformar o momento do aprendizado em algo significativo para o crescimento intelectual e pessoal dos alunos e do próprio professor, pois à escola é um local de suporte proporcionando momentos de transformação do pensamento, o que leva os cidadãos a serem pessoas capazes de atuar como agentes transformadores da sociedade e das desigualdades que são imposta pelas classe dominantes.

Portanto, inovar não é uma tarefa fácil já que existem numerosos problemas no sistema de ensino proposto pelo Estado, e sendo que existem varias exigências impostas pelo mercado de trabalho no qual

requer um profissional cada vez mais qualificado e polivalente. Tem-se então uma reestruturação do papel da escola, o qual fica em parte restrito a abordagem de conhecimento de uma forma mecânica, induzindo os alunos a estarem aptos a responderem provas classificatórias visando a inserção deles nas academias.

Referências

ALENCAR, Eunice Soriano de. **A Gerencia da Criatividade**. São Paulo: Makron. Books,1996

BRABANT, J. **Crise da geografia, crise da escola**. OLIVEIRA, A. U. de. (org.). Para onde vai o ensino de geografia São Paulo: Contexto, 1989

CARBONELL, J. A.U.ME. **A Aventura de Inovar: a Mudança na Escola**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002

FARIA-BRUNO. **Mudança Organizacional: Tória e Gestão**. Rio de Janeiro: FGV,2003

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, Vozes, 1998.

HERNANDEZ, Fernando, et al. **Aprendendo com as Inovações nas Escolas**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IANNI, Octávio. **A era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999LACOSTE, Yves. A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

Libanio, Jose Carlos, **A educação Escolar no contexto das transformações da sociedade contemporânea** . São Paulo:Ed. Cortez, 2003

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez,1995.

PAULINO, Clenice. **O Ensino De Geografia Nos Dias Atuais**.
<http://www.webartigos.com/articles/8559/1/A-Educacao-E-O-Ensino-Da-Geografia/pagina1.html>.
Acessado no dia 14/07/2010.

PASSINI, Elza Yasuko,PASSINI Romão, MALYSZ,Sandra T. (Organizadores). **Pratica de Ensino de Geografia e Estagio Supervisionado**. São Paulo: Contexto,2007